

# Luandino no Tarrafal em cena

## O lento correr dos dias de um homem preso

«Tenho Trinta Anos, estou na Cadeia há Quatro, a partir de Papéis da Prisão, de Luandino Vieira, uma leitura encenada pelos Artistas Unidos dos diários que o escritor angolano escreveu quando esteve preso no Tarrafal, vai marcar o Jardim de Verão da Fundação Gulbenkian, com apresentação a 7, às 19h. “Quisemos misturar notas sem importância, com reflexões pessoais e políticas, ao longo de dois ou três anos, desde o momento em que Luandino chega ao Tarrafal até à altura em que lhe é atribuído o prémio ao romance Luuanda. E o que gosto nesses extraordinários papéis é que a vida não é heroica”, adianta ao JL Jorge Silva Melo, que fez a seleção dramaturgica e encena a leitura pelos atores António Simão, João Meireles, João Pedro Mamede, Pedro Carraca, Nuno Gonçalves Rodrigues, Daniel Martinho (O ator angolano irá ler alguns trechos em umbundu, língua em que no livro surgem escritas muitas passagens), além do próprio encenador.

Sete vezes para uma atmosfera intimista que se pretende criar. “A mistura entre factos importantes e as notas de um quotidiano miserável

– “Hoje comi batatas”, “Hoje houve interrogatórios, pancada”, “Tenho saudades do meu filho” – dá a vida de um homem preso num campo de concentração. É qualquer coisa muito íntima. Não são manifestos exortativos, cartas políticas, e a dificuldade foi como criar esse lado, o que procurei através de um dispositivo de atores que vão lendo e relendo essas notas e que permitem encontrar uma voz nossa companheira, não doutrinária, que fala connosco sobre a ditadura”, diz ainda.

Quando Rui Vieira Nery convidou Jorge Silva Melo a fazer esta leitura encenada dos Papeis da Prisão, uma edição da Gulbenkian, o encenador nem hesitou, apesar da dificuldade que desde logo suspeitou na seleção dos textos para uma hora de espetáculo, numa obra tão intensa e volumosa. Mas Luandino é um dos autores de que gosta muito e está entusiasmado com a ideia de o poder conhecer pessoalmente, já que o escritor vai estar presente na apresentação. “Espero não o desiludir”, afirma. E acrescenta: “Porque foi realmente difícil a escolha e manter a atenção com um discurso tão banal. Talvez haja textos



Luandino Vieira, *Tenho trinta anos, estou na cadeia há quatro*, pelos Artistas Unidos, na Gulbenkian

mais importantes, mas interessa-me essa banalidade, na medida em que ao mesmo tempo que quis mostrar as várias vertentes do próprio livro, das grandes reflexões às pequenas anedotas e às memórias, optei por dar a vida de todos os dias, o lento correr dos dias numa prisão como o Tarrafal”.

A incidência sobre um período curto, apesar de ser mais alargado o

arco temporal desses diários, teve uma razão também pessoal. “Na verdade essa foi a altura, por volta de 1964, em que comecei a ouvir falar dele, porque era amigo de amigos da minha irmã. Eu tinha uns 15 anos e sempre tive por ele a maior admiração humana e artística, pela sua luta e invenção literária”, faz notar. “Porque a luta de Luandino não é apenas política, mas

também pela criação e reinvenção da língua”.

Daí o “prazer” com que trabalhou *Tenho Trinta Anos*, estou na Cadeia há Quatro, apesar de todas as dificuldades. Esta leitura encenada, com uma apresentação única, é um trabalho que poderá eventualmente ter continuidade num outro espetáculo. O futuro o dirá, pois como sublinha o encenador, neste momento ainda não sabe como será a vida dos Artistas Unidos no próximo ano, de que subsídio da DGartes irão dispor. Nem sequer se haverá apoio, pelo que, confessa, “mesmo gostando de fazer um espetáculo sobre estes textos do Luandino, na verdade não sei o que nos irá acontecer depois de outubro”.

Em setembro, a 13, os Artistas Unidos irão estrear *A Vertigem dos Animais* antes do Abate, do grego Dimítris Dimitriádis, com encenação de Jorge Silva Melo e interpretação de João Meireles, Inês Pereira, Américo Silva, Pedro Carraca, Pedro Baptista, Vânia Rodrigues, André Loubet e Nuno Gonçalves Rodrigues. E paralelamente, inaugurar-se-á uma exposição: *Labirinto*, de Xana. **JL MARIA LEONOR NUNES**

# Centro Internacional das Artes José de Guimarães

## Cinco anos de um projeto singular

«A Arte como Experiência do Real, com obras de alguns dos mais marcantes artistas portugueses das últimas décadas, Fragmentos, de Fernando Lanhas, numa primeira parceria com a Fundação de Serralves, e um conjunto de obras de referência de José de Guimarães que voltam à ‘boca de cena’: o novo ciclo expositivo assinala o 5º aniversário do Centro Internacional das Artes José de Guimarães (CIAJG). “São cinco anos de um projeto singular, de abordagem da arte contemporânea de uma forma não canónica”, diz ao JL o diretor artístico, Nuno Faria. “Procuram-se relações, dinâmicas, que têm a ver com a ideia de construção da contemporaneidade, ligada à atualidade, ao ar do tempo e também ao ancestral e ao modo como se reflete no contemporâneo”.

A chave da afirmação do CIAJG prende-se, de resto, com a forma como são trabalhadas as suas coleções – da própria obra de José de Guimarães e que o artista foi constituindo, ao longo do tempo –, numa perspetiva de “diálogo” com obras de outros criadores e em planos que exploram opostos como o erudito e o popular, o religioso e o laico. “Isso faz com que os nossos



Panorama da arte portuguesa contemporânea no CIAJG, Guimarães

ciclos expositivos surjam sempre como um todo e sejam diferentes”, adianta o curador, historiador de arte e professor, que dirige desde o primeiro momento o centro, que veio marcar uma identidade na oferta cultural de Guimarães e do Norte do país.

Por esse traço identitário da programação, pela “proximidade” de programas, e também pela situação geográfica, potenciando, por outro lado,

o facto de Guimarães ser uma fundadora de Serralves, o CIAJG encontrou “afinidades” naturais com aquele museu do Porto, com quem inaugura agora uma colaboração estreita. Nesse âmbito, apresenta-se a exposição de Fernando Lanhas (1923–2012), em que se mostram algumas obras da coleção de Serralves do arquiteto português que, na sua procura de “compreensão da geometria do mundo” se dedicou também

à pintura, sendo um dos pioneiros do abstracionismo geométrico no nosso país. A curadoria é de Marta Moreira de Almeida, daquele museu.

A grande exposição do novo ciclo, que se abre sobre o verão, traz igualmente a público a coleção em depósito em Serralves de Ivo Martins, um colecionador com trabalho feito no domínio das artes, sendo galerista e programador, nomeadamente do Guimarães Jazz e do Centro Cultural Vila Flor. Antes, apenas foi mostrada no Círculo de Artes Plásticas de Coimbra, em 2001, e na Culturgest Porto, em 2004. “É uma coleção de afeições, que tem o seu epicentro num conjunto de artistas que surgiram na década de 1990, um período particular na arte portuguesa, na medida em que se trata de uma geração muito politizada”, adianta Nuno Faria. “Mas o seu chão está firmado em artistas dos anos 60 e 70, como Joaquim Bravo, Álvaro Lapa e António Palolo e depois Rui Chafes ou Xana, dos anos 90”.

Essa relação está presente em A Arte como Experiência do Real, de uma forma “consistente”, tanto mais que Ivo Martins fez uma “verdadeira curadoria” da sua coleção, com a “filosofia mais

obras, menos artistas”, o que permite seguir os “percursos autorais”. Estão ainda representados Pedro Casqueiro, Pedro Sousa Vieira, Paulo Mendes, Fernando Brito, Fernando José Pereira, Susana Mendes Silva, Miguel Soares, Fernando Ribeiro, Armando Ferraz, Miguel Leal, Cláudia Ulisses, Nuno Ramalho, Carla Filipe, Cristina Mateus, João Queiroz, Susanne S. D. Themlitz, Pedro Cabral Santo, Isabel Carvalho, Gonçalo Ruivo e António Olaio, entre outros. “Interessou-me olhar a pluralidade deste conjunto que é muito inteligente e representativo e sobretudo descortinar o interesse público de uma coleção privada”, observa ainda Faria. “E mostrar a sua exemplaridade numa altura em que parece haver uma falta de rumo, de projeto das entidades públicas para expor as suas coleções”.

O CIAJG torna-se, até outubro, um verdadeiro museu da arte portuguesa contemporânea. “O público terá oportunidade de ver um panorama alargado de autores diversos, com ligações intergeracionais muito interessantes”, acrescenta o curador.

E, em ligação com este núcleo, volta a mostrar-se na exposição permanente, Cosmic, Sonic, Animistic, a instalação do Museu de Luanda, de José de Guimarães, em 1968, obras históricas, do acervo de Serralves e simbólicas, como o célebre quadro da bandeira portuguesa rasgada, emblemáticas da “contestação do colonialismo e da guerra colonial”, que marcou o percurso do artista a partir do final dos anos 60. **JL MLM**